

MULHER TOXICODEPENDENTE E SUAS REPRESENTAÇÕES: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Katrucy Medeiros¹ (✉ Katrucy_22@yahoo.com.br), Silvana Maciel², & Joana Alexandre³

¹ Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba e bolsista CAPES, Programa Doutorado Sanduíche no Exterior, Brasil; ² Professora do Departamento de Psicologia da UFPB e da pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora bolsista de produtividade, nível 2 (CNPq), Brasil, ³ Professora auxiliar do Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL, Portugal

O tema da toxicodependência feminina tem sido alvo de preocupação no campo da saúde em diversos países, e tem mobilizado a sociedade a apropriar-se de conceitos baseados em crenças e representações, sujeitas à contextualização cultural.

No curso da história, observa-se que homens e mulheres não relacionam-se com as drogas da mesma maneira, isso porque, as expectativas sociais frente às mulheres, ainda centradas na maternidade e na família, desestimulam as mulheres dos comportamentos “não convencionais”, como o consumo de drogas (Medeiros et al., 2015).

Com exceção dos medicamentos psicotrópicos, as mulheres apresentam menor prevalência no abuso de diversas drogas. Não obstante, segundo o United Nations Office on Drugs and Crime (2016), tem-se observado uma aproximação entre os gêneros nos perfis dos consumidores em diferentes países.

No Brasil, pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Brasil, 2013) revelou que os consumidores de crack somam-se cerca de 370 mil pessoas, dos quais 21,3% são mulheres. Sobre os consumidores que frequentam as chamadas “cracolândias”, ou seja, espaço de aglomeração de consumidores de crack na região de São Paulo, o gênero feminino atinge 20% e caracteriza-se por maior vulnerabilidade, tais como o uso incomum de preservativos e troca de sexo por dinheiro e/ou drogas, histórico de violência, especialmente a do tipo sexual – 47% entre as mulheres, contra 7,5% entre os homens.

Em país europeu como Portugal, segundo o European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs (2015), a prevalência da população geral consumidora de drogas soma-se 16%, sendo a cannabis (15%) a substância mais consumida no país. Quanto ao gênero, entre os anos de 2011 e 2015, observou-se um aumento das mulheres na continuidade do consumo de cannabis (29,6%), heroína (39,1%) e cogumelos alucinógenos (21, 3%), comparando-se com os homens, respectivamente, 27,9%, 2,7% e 9,9% (Instituto da Droga e da Toxicodependência, 2015).

Países de proximidade linguística, Brasil e Portugal, diferenciam-se não apenas por proporções geográficas, mas também no delineamento de políticas públicas de saúde. Essa comparação entre os dois países se aprofunda ainda mais na questão das drogas, pois ora promovem aproximações quanto à diferenciação legal do usuário ou dependente de drogas e do traficante, ora se antagonizam, por Portugal adotar desde de 2001 a descriminalização das drogas e uma abordagem aos consumidores atribuída às estruturas social e da saúde, em detrimento de uma natureza criminalizadora – a qual ainda faz parte da política brasileira de enfrentamento às drogas (Ventura & Benetti, 2014).

Considerando as particularidades no Brasil e em Portugal, bem como a escassez de estudos transculturais, esta pesquisa é de grande relevância social e acadêmica, por permitir o acesso aos conteúdos compartilhados acerca da mulher toxicodependente a partir de contextos culturais diferentes, os quais podem apresentar, respectivamente, aproximações e divergências culturais com a problemática investigada.

Dessa forma, esta pesquisa investigará o tema mencionado à luz da Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici, a qual assinala uma forma de conhecimento específico, um saber do senso comum, orientado para a comunicação, compreensão e domínio do entorno social (Jodelet, 2001). Ressalta-se que estudar a representação social da mulher toxicodependente é identificar o conteúdo mais forte e presente no imaginário social dos atores sociais. Sob essa perspectiva, objetiva-se conhecer as representações sociais atribuídas à mulher toxicodependente a partir de universitários portugueses e brasileiros.

MÉTODO

Participantes

Consiste numa investigação qualitativa, descritiva e exploratória. Ademais, atendeu-se as determinações éticas preconizadas pelas Resoluções

304/2000 e 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que envolve pesquisas com seres humanos.

Participaram 50 universitários selecionados de forma intencional e não-probabilística, oriundos do curso de psicologia de uma universidade brasileira na cidade de João Pessoa – PB, e também de uma universidade portuguesa na região de Lisboa. A faixa etária dos brasileiros foi entre 18 a 33 anos ($M=22$ anos; $DP=3,39$) e a maioria eram mulheres (73%). A idade dos portugueses variou entre 19 a 40 anos ($M=23$ ano; $DP=4,46$) e predominaram os homens (67%). Incluíram-se os universitários que estavam vinculados às universidades supracitadas, e aqueles que aceitaram participar de forma voluntária do presente estudo.

Material

Utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), a qual é amplamente validada para pesquisas sobre Representações Sociais e permite ter acesso à produção verbal espontânea, bem como a unificação dos universos semânticos consensuais (Nóbrega & Coutinho, 2011). Um estímulo indutor foi utilizado, em que se perguntou aos participantes brasileiros: “O que lhe vem à sua mente quando ouve a expressão “mulher usuária de drogas?”; já no contexto português, utilizou-se a equivalência cultural do termo “mulher toxicodependente”. Para análise, considerou-se as cinco primeiras evocações de cada participante. Além disso, perguntou-se aos entrevistados o sexo, a idade, o curso e a localidade. O tempo médio da aplicação correspondeu a 5 minutos.

Procedimento

Operacionalmente, os dados foram coletados em duas localidades institucionais. No Brasil a aplicação foi possível de forma presencial e nas salas de aula da referida universidade. Já em Portugal, a recolha de dados foi por meio do questionário online e gratuito *Qualtrics*.

Para análise dos dados, procedeu-se a junção do material coletado oriundo dos dois países, e com o auxílio do *software* gratuito IRAMUTEQ (Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), foi realizada a Análise de Similitude. Esta análise permite identificar as coocorrências e conexidades entre as palavras evocadas, indicando a força com que os elementos ligam-se aos outros. Além disso, baseia-

se na teoria do grafos e auxilia a identificação da estrutura da representação social do objeto em análise. Com os dados sociodemográficos, utilizou-se análises de estatística descritiva.

RESULTADOS

Com base nos dados sociodemográficos, observou-se que no contexto brasileiro predominaram as participantes do sexo feminino (73%), enquanto que no cenário português, os homens sobressaíram, assumindo o quantitativo de 67% da amostra. Observa-se, portanto, que o grupo estudado é composto por universitários jovens, de ambos os sexos e oriundos de um curso que permite aproximação teórica e prática com a temática abordada.

Sobre as evocações apreendidas pela TALP acerca da palavra-estímulo “mulher usuária de drogas/mulher toxicodependente”, estas resultaram um total de 247 palavras, das quais contabilizou-se 104 diferentes que foram submetidas à análise de similitude comparativa, conforme pode ser visualizada na Figura 1.

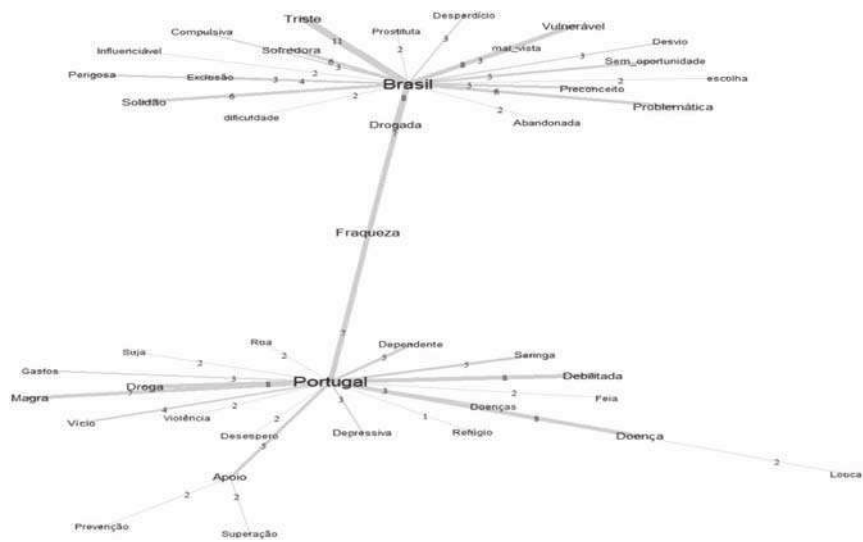


Figura 1. Árvore ilustrativa da análise de similitude das evocações dos universitários portugueses e brasileiros para o estímulo indutor “mulher toxicodependente”

A análise de similitude mostra os elementos mais fortemente evocados nos discursos referentes aos dois grupos estudados, universitários brasileiros e portugueses, e como estes atores sociais organizam os elementos relacionados à figura da mulher toxicodependente.

DISCUSSÃO

De acordo com a Figura 1, é possível observar uma árvore ilustrativa a qual indica a existência de dois eixos de significados acerca da mulher toxicodependente. Observou-se ainda que tais eixos apareceram interligados por meio da palavra “*fraqueza*”, que apresenta-se enquanto eixo centralizador entre as duas grandes teias de conexões.

Sobre o discurso unificado acerca da “*fraqueza*”, este circunscreve o problema da droga à questão individual e remete à responsabilização destas mulheres diante da toxicodependência. Para Palm (2006), a toxicodependência é comumente percebida por meio da identificação de uma fraqueza pessoal e/ou problemas morais ligados ao caráter. Notadamente, essa concepção moralizante reproduz um imaginário social culpabilizante, o qual atua enquanto justificativa para a desresponsabilização de outras instâncias envolvidas no tratamento, tais como o aparato estatal, a família e profissionais de saúde.

No nível superior da árvore encontram-se os termos emergidos no grupo dos universitários brasileiros, destacando-se as palavras de maior frequência: *triste* (11); *vulnerável* (8); *drogada* (8); *sofredora* (6); *problemática* (6); e *preconceito* (5). Estes elementos são considerados o campo representacional mais forte e vincula-se à ideia de sofrimento psíquico, vulnerabilidade e de exclusão social da mulher toxicodependente.

A concepção de vulnerabilidade compreende um constructo multifacetado e que pode ser útil para tornar evidentes os fatores subjacentes à toxicodependência feminina. Para Ayres, Paiva e França Jr. (2012), o termo está associado ao fato de alguém estar mais suscetível a potenciais agravos nas esferas orgânicas e também aos múltiplos condicionantes psicossociais do adoecimento. No contexto brasileiro, alguns estudos tem demonstrado que a vulnerabilidade vivenciada pelas mulheres toxicodependentes

perpassam contextos individual e social, tais como: a prática de sexo sem proteção, o que aumenta a suscetibilidade a gravidez indesejada, e a infecção ao HIV; além disso encontram-se mais expostas a conflitos com a justiça, violência em seus diversos níveis e a exclusão social (Medeiros et al., 2015; Marangoni & Oliveira, 2013).

Sob essa ótica, a representação social da mulher toxicodependente para o contexto brasileiro, cristaliza-se enquanto um ser vulnerável, frágil e passivo. Essa construção decorre de crenças e valores associados à exposição de práticas e comportamentos de riscos ligados ao corpo e a sexualidade feminina, e a submissão destas à padrões subjetivos de moralidade. Cabe mencionar ainda a reprodução social dos termos: *drogada*, *prostituta*, *mal vista*, *perigosa e compulsiva*, pois carregam a ideia de marginalização, estereotipagem, preconceito e exclusão social, e apresentam-se impregnados na percepção de homens e mulheres enquanto “verdades” sobre a mulher toxicodependente e o seu lugar no mundo (Jodelet, 2001).

Na parte inferior da árvore estão os termos ligados aos estudantes portugueses, os quais: *doença* (8); *droga* (8); *debilitada* (8); *seringa* (5); *dependente* (5); e *apoio* (5), e evidenciam elementos de um quadro patológico de toxicodependência.

O cenário atual de enfrentamento à toxicodependência em Portugal é contextualizado no paradigma psicossocial de saúde, o qual incorpora além das dimensões orgânicas, as esferas contextuais e ambientais (Ventura & Benetti, 2014). No entanto, observou-se entre os universitários portugueses, discursos que dão destaque ao poder farmacológico das substâncias, sugerindo a visualização do modelo unifatorial, onde a substância é o principal elemento de explicação da dependência. Observa-se também o termo “*seringa*”, e associa-se a visualização dos consumidores de heroína intravenosa – alvo de grande preocupação e intervenção da sociedade portuguesa na década de 1990. Para este grupo de pertença, a representação social da mulher toxicodependente aparece ancorada no paradigma da doença e é objetificada enquanto personificação de um “sujeito-doença”. Apesar disso, cabe mencionar a evocação do termo “*apoio*”, vinculado às palavras “*superação*” e “*prevenção*”, enquanto reflexo do avanço das políticas públicas de enfrentamento às toxicodependências, onde a mulher toxicodependente também é visualizada a partir da ótica do cuidado e da proteção à saúde.

A presente análise evidenciou um enquadramento normativo acerca da mulher toxicodependente caracterizado ora por opiniões criminalizantes, ora com retóricas sanitaristas. De modo geral, estas representações parecem distanciar-se da importância da atenção integrada – biopsicossocial – na abordagem do problema da toxicodependência feminina, no Brasil e em Portugal.

Este estudo buscou conhecer as representações sociais acerca da mulher toxicodependente a partir de universitários brasileiros e portugueses. Ao expressar “teorias do senso comum” para descrever e explicar a toxicodependência por mulheres, os universitários recorreram a diferentes formas simbólicas de pensar o fenômeno, por meio de crenças compartilhadas e arraigadas no escopo cultural de cada localidade.

De modo geral, percebeu-se uma consensualidade da responsabilização das mulheres toxicodependentes por suas “escolhas”, onde a toxicodependência é comumente percebida enquanto problema de saúde “controlável” e, por isso, de responsabilidade das mulheres pelo seu surgimento e solução.

No contexto brasileiro foi possível constatar a visualização de fatores relacionados ao gênero feminino de forma mais “pormenorizada”, traduzida por meio da associação à questões relativas à vulnerabilização da mulher, esta visualizada enquanto: “prostituta”, “perigosa”, “compulsiva”, “abandonada”, “problemática” e “sem oportunidade”. Em uma conjuntura criminalizante do uso de droga, no Brasil essa mulher é pensada a partir de um contexto marcado por preconceito e exclusão.

Já as representações construídas pelos portugueses, estas salientaram uma definição objetiva, veiculada sobretudo a partir das estruturas patogênicas, tais como: “vício”, “doença”, “depressiva”, “dependência” e “seringa”, sendo a droga a principal mediadora entre o indivíduo-doença. Considerando as mudanças no cenário Português frente às drogas, vem consolidando-se um modelo de assistência mais humanizado, porém, o problema da droga para os portugueses, aparece enquanto um problema do indivíduo, desconsiderando as implicações sociais e ambientais.

Destaca-se que tanto no Brasil quanto em Portugal, observou-se uma reação social face à mulher toxicodependente fortemente ligada à estigmas vinculados às drogas, e também a uma desvinculação dessa mulher às suas expectativas de gênero. Esses dados podem ajudar a repensar a realidade observada nos dois países, seja para implementação de um modelo de

intervenção menos criminalizante e excludente no Brasil, seja para contribuir com o modelo português mais acolhedor das necessidades sociais dos consumidores; e em ambos os casos, é preciso um incentivo político preocupado eticamente com os direitos das mulheres utilizadoras de drogas e em salvaguardar a sua própria dignidade humana.

REFERÊNCIAS

- Ayres, J. R. Paiva, V. & França Jr., I. (2012). Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In V. Paiva, J. R. Ayres, & C. M. Buchalla (Orgs.), *Vulnerabilidade e Direitos Humanos: Prevenção e promoção da saúde* (p. 71- 93). Curitiba: Juruá
- Brasil. (2013). Fundação Oswaldo Cruz. *Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil*. Recuperado de <http://portal.fiocruz.br/pt-br/>
- European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs. (2015). *The 2015 ESPAD Report. Results from the European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs*. Disponível em http://www.espad.org/sites/espad.org/files/ESPAD_report_2015.pdf
- Instituto da Droga e da Toxicodependência. (2015). Relatório Anual 2015. *A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências* (Vol. 1) Lisboa: IPDT/Ministério da Saúde.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Marangoni, S. R. & Oliveira, M. L. F. (2013). Uso de crack por múltiplos em vulnerabilidade social: história de vida. *Ciênc. Cuid. Saúde*, 11, 166-172. doi: 10.1590/S0104-07072013000300012
- Medeiros, K. T., Maciel, S. C., Sousa, P. F., & Vieira, G. L. S. (2015). Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias. *Psico-USF*, 20(3), 517-528. doi: 10.1590/1413-82712015200313
- Nóbrega, S. M., & Coutinho, M. P. L. (2011). O Teste de Associação Livre de Palavras. In M. P. L. Coutinho & E. R. A. Saraiva (Orgs.), *Métodos de pesquisa em Psicologia Social, perspectivas qualitativas e quantitativas* (pp. 95-106). João Pessoa, PB: Editora Universitária.
- Palm, J. (2006) Moral concerns – Treatment staff and user perspectives on alcohol and drug problems. Thesis (Doctorate), University of Stockholm, Stockholm.

- United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). (2016). World drug report. Washington: United Nations Publication. Disponível em <http://www.unodc.org/wdr2016/>
- Ventura, C. A. A., & Benetti, D. A. M. (2014). A evolução da lei de drogas: O tratamento do usuário e dependente de drogas no Brasil e em Portugal. *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas*, 10(2), 51-60. doi: 10.11606/issn.1806-6976.v10i2p51-60